

# O PARADIGMA DO SÉCULO VINTE E UM

**Paulo dos Santos**

Paulu.santus@gmail.com

Luanda, 26 de novembro 2016

O século vinte iniciou com afirmações ideológicas profundas, com o evento da afirmação do socialismo, e com a garantia dos direitos humanos forjados dos horrores da segunda guerra mundial. Cerrando fileiras em torno dos princípios das Nações Unidas, a consciência mundial institucional passou a ser aquela que ainda se identifica com a paz, com a igualdade (de géneros, de raças, de classes, etc.) protecção das minorias e das pessoas necessitadas, o bem-estar, a garantia de um meio ambiente saudável para todos, saúde, educação, liberdade de religião e já no fim do século verificamos um maior engajamento às liberdades pessoais de disposição do corpo, enfim. O mundo parecia estar a caminhar para uma Wanderlândia, pelo menos idealmente, até que os sentimentos egoístas (honestos) humanos, que lhe são dos mais profundos, começaram a florescer.

De algum modo parece-me que as causas da segunda guerra mundial, e a solução da guerra fria, não foram resolvidas satisfatoriamente para os interesses daqueles que dominam o mundo, senão vejamos. A eleição de Donald Trump veio apenas tornar transparente o que já era visível a olho nu, e veio tornar positivo, aceitável, e moral tudo que se procurou “reprimir” e combater, ou incutir (as liberdades, igualdades etc.) durante o século vinte. De acordo com os discursos do novo presidente dos Estados Unidos da América, hoje ainda a maior potência mundial, a sua nova política vai banir os imigrantes (pobres) para aquele país, vai deportar todos aqueles (estrangeiros pobres) que se encontrem ilegalmente no solo americano, não vai aceitar refugiados, não vai honrar os compromissos assumidos sobre a manutenção do clima, e pelo que diz, nem quer saber da NATO. Para ele, tudo isso onera demasiadamente o seu orçamento, e o potencial enriquecimento dos americanos. Ou seja, os americanos querem ser ricos e viver bem, sem preocupação com os outros povos, sobretudo os oriundos de países pobres. E parece-me justo (embora não correcto).

Durante a sua campanha à presidência, parecia que o novo homem forte da casa branca falava do nada, do vazio, tanto é que mereceu dos atributos mais vexatórios, tais como anti institucional, desumano, palhaço ou mesmo demente. Ainda assim foi votado pela maior democracia e ganhou às eleições o que confirma a vontade dos cidadãos daquele país. Afinal, estavam todos desviados?

Sucedem que os ideais manifestados por Trump já vinham sendo nutridos há algum tempo, na América e em outros países: As três maiores potências do mundo, os Estados Unidos, a

Rússia e a China, não ratificaram o Estatuto de Roma que criou o Tribunal Penal Internacional (TPI) em 1998, e entrou em vigor em 2002. Nos termos do artigo 5.º do Estatuto, o tribunal deverá julgar crimes de genocídio, crimes contra a humanidade, crimes de guerra, e crimes de agressão. Não estando sob jurisdição desse tratado, aqueles estados e seus nacionais, e outros não membros, ficam por fora da jurisdição daquele órgão de justiça da ONU.

Assim, os abusos ocorridos com a invasão do Iraque pelos Estados Unidos e seus aliados ficam impunes à luz do direito Internacional. Quanto à Rússia, assistimos como a Chechênia foi destruída, com violações de direitos humanos, entretanto nenhum dos seus nacionais foi levado ao TPI, que se saiba publicamente. Haverá algum mal nestes comportamentos de supremacia? Afinal quem é grande e poderoso deve comportar-se como tal, certo?

Entretanto, crimes previstos pelo Estatuto e cometidos nos estados africanos como na Serra Leoa e no Ruanda, foram exemplarmente punidos com a detenção, julgamento e condenação das pessoas que protagonizaram aqueles crimes. Outros líderes africanos foram indiciados pelo TPI por outros crimes. Aqui podemos entender que a lei serve para orientar os mais fracos, pois não?

Ao ao presente está em curso uma frente militar contra o estado islâmico, na Síria e no Iraque, apoiados pelos Estados Unidos e pela Rússia, cuja violência bélica custa à vida de centenas de pessoas, mas como podemos antever, nenhum individual desses estados será pessoalmente responsabilizado, nos termos do artigo 25.º do Estatuto de Roma, pois fazem parte dos Estados fortes.

E a lógica a que facilmente chegamos é de que, se os grandes são impunes por não terem ratificado o acordo, porquê que outros Estados aceitariam à jurisdição do TPI? Só por serem pobres? Em reacção, alguns Estados (mais fracos) africanos e provavelmente de outros continentes, solicitaram já a ONU a sua retirada do Estatuto de Roma, nos termos do artigo 127.º daquele tratado. O caso mais sonante é o pedido de retirada da África do Sul. Como podemos prever, já que todos querem se tornar ricos e viver bem, ainda que à custa de vidas humanas, poderemos ter mais genocídios no Burundi, mais violações de direitos humanos na RDC, e noutros países africanos, e noutros pontos do mundo, sob liderança de pessoas (que também têm o direito ao enriquecimento e viver bem) porque a essa altura soou já a alerta para que todos os Estados assinantes se retirem do TPI por ser uma armadilha para os fracos. Estamos perante a eminência da extinção do TPI, uma crise de criminalização internacional, e a liberdade dos poderosos em imporem a sua ordem.

Como o exemplo que vincula é aquele que vem de cima, quer dizer, dos mais velhos quando são os mais fortes, se os EUA se manifestam publicamente em como não aceitam receber refugiados, em clara violação do artigo 14º da Carta dos Direitos Humanos da ONU, porquê

será que os outros Estados aceitariam? Os estados europeus, a essa altura a braços com a avalanche de refugiados provenientes da Síria, Iraque, Irão ou Afeganistão, o que despoletou um choque de valores naqueles países, têm já motivação para encerrarem as suas portas à entrada de mais refugiados. E como o grande choque de valores reside no desentendimento de religiões, quem sabe, com a ascendência da extrema direita em França e do nazismo na Alemanha se desencadeie uma limpeza àqueles que professem o islão, e junto com os recentes refugiados, sejam todos deportados para qualquer lado. Desde que lhes deixem em paz e felizes nos seus países.

Do mesmo modo, com as manifestações previstas na RDC para Dezembro pela não realização das eleições este ano, podemos prever um forte movimento migratório daquele país, e claro, países fronteiriços como Angola estarão munidos com pretextos para não receberem refugiados. É justo?

Parece-me termos atingido o fim de uma era caracterizada por paradigmas demagogos, embora trouxesse algum equilíbrio e alívio aos binómios rico-pobre, forte-fraco, analfabeto-alfabetizado, paz-guerra e outros que consubstanciam os direitos humanos. Com as manifestações públicas de afirmações contrárias ao que foi construído durante o século vinte, parece-me quase lógico entendermos as mudanças que assistimos, não como uma manifestação desviante das novas lideranças e que tenha que ser corrigida, mas como o fim de uma era paradigmática que caracterizou o século vinte.

Talvez o século vinte tenha exagerado na edificação de utopias entre as pessoas e nações, muitas delas difíceis de sustentar, que muitos fartaram-se de acreditar nelas. Afinal, se em pouco tempo os cidadãos do mundo comunista foram levados a entender que a propriedade privada é essencial e boa para todos; logo os que insuflam o capitalismo passaram a entender que podem enriquecer mais ainda.

Se grande parte dos discursos actuais não trazem referências a benefícios que, por exemplo, o presidente Obama procurou implementar como o último representante daquela era, tais como saúde para todos (Obama Care), fim de hostilidades (e abertura das relações com cuba) e outros, não é por maldade dos novos líderes. Podemos entender essas mudanças como sendo a vontade do novo mundo do século vinte e um, pois esses líderes chegam ao poder por meios democráticos, que continuamos a entender ser o melhor instrumento de exercício de políticas. Até ver.

Talvez devamos entender que o paradigma do século vinte e um, que começa a se afirmar, não se fundamenta necessariamente nos piores sentimentos das pessoas, sendo o egoísmo, o ódio, a falta de humanismo e outros, pois estes foram já considerados no século passado como sendo maus. Talvez tenhamos de encarar o paradigma do século vinte e um como aquele da manifestação da honestidade pelas pessoas (mesmo ferindo as demais

peessoas) na salvaguarda dos seus interesses, onde os fins justificam os meios. Muitas designações pejorativas tais como gay, mulherengo, prostituta, ladrão, ditador, poderão alternar de valor negativo, que tiveram no século passado, para novas valorações que irão conformar a nova lógica de ética do século vinte e um.